

## JACQUES LE GOFF (1924-2014): O HISTORIADOR E O HOMEM - UMA EVOCAÇÃO -

Prof. Dr. Armando Martins  
Universidade Lisboa  
Academia Portuguesa de História  
[armandoalberto.martins@gmail.com](mailto:armandoalberto.martins@gmail.com)  
Recebido em: 15/07/2016  
Aprovado em: 18/11/2016

**Resumo:**

O objectivo deste artigo é apresentar a novidade e importância da obra de Jacques Le Goff para a historiografia da atualidade, bem como averiguar da sua relevância específica em Portugal. Aponta, por outro lado, certos traços do homem com as características que o tornaram figura inesquecível e marcante entre os seus contemporâneos.

**Palavras-chave:** Jacques Le Goff, importância, historiografia da atualidade, Europa, Portugal.

**Abstract:**

The purpose of this paper is to present the novelty and importance of the work of Jacques Le Goff for the historiography of the present time, as well as to inquire about its specific relevance in Portugal. The article points out, on the other hand, certain traits of the man with the characteristics that made him an unforgettable and striking figure among his contemporaries.

**Keywords:** Jacques Le Goff, importance, historiography of present times, Europa, Portugal.

## Porquê falar ainda de Jacques le Goff em Portugal?

Há várias razões mas, desejo destacar três: *primeiro*, porque, não sendo Jacques Le Goff um historiador qualquer, é bom saber a que se deve a fama europeia e mundial, perceptível nos louvores tecidos, quase por toda a parte, ainda em vida, mas sobretudo, por ocasião da sua morte, também entre nós; - *em segundo lugar*, porque, sendo quem era, interessaria auscultar, antes de mais, quem somos nós os Portugueses no seu *Ocidente medieval*, isto é, nos seus muitos escritos de medievalista; por último, desde quando e até que ponto, a recepção e conhecimento da sua obra se terá feito na nossa historiografia e na nossa cultura, e a leitura crítica e mensagem que nela é possível pode colher.

Leitor assíduo, desde o princípio dos anos Cinquenta do século passado, dos ‘*Annales d’Histoire Économique et Sociale*’, revista fundada, em 1929, por Marc Bloch e Lucien Febvre, em Estrasburgo, feita a sua ‘*Agrégation*’, Jacques Le Goff, passou também a militar, na linha dos fundadores, contra a história universitária tradicional, apodada de ‘*événemencielle*’, política, narrativa, historicisante, positivista<sup>1</sup>. Fernand Braudel convidara-o para a VIª Secção da *École Pratique des Hautes Études*, em Paris, quando os seguidores dos *Annales* eram já uma ‘*escola historiográfica*’ e à ‘*pequena seita herética*’ de Estrasburgo havia sucedido uma segunda geração que, triunfante, fizera frutificar os projectos iniciais. Na década de Setenta, as qualidades de Le Goff guindá-lo-iam, sempre pela mão de Braudel, à direcção dos *Annales* e à presidência da VI.ª Secção, que, em 1975, ele iria autonomizar e transformar na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*. Era, então, reconhecido chefe de fila, principal arauto de um grupo de historiadores, mais inconformista e adepto de ‘*uma outra história*’ - a ‘*Nova História*’: continuavam o programa dos ‘*Annales*’, pois, pugnavam, igualmente pela história-problema e globalizante; pelo diálogo com as outras ciências sociais, especialmente a antropologia; davam, de igual forma, prioridade e liderança à história económica e social.

Destacavam-se e afastavam-se, no entanto, dessa *escola*, pela ousadia de alargar o ‘território do historiador’ ao que, em 1974, chamaram de ‘*novos problemas, novas contribuições e novos objectos*’, em breves ensaios a que deram o nome de ‘*Faire de l’histoire*’ - verdadeiro *manifesto* das suas práticas e das suas aspirações. Quatro anos depois, em 1978, Le Goff dirigia *La Nouvelle Histoire*, cuidada *enciclopédia* de noções,

práticas, métodos e autores de inspiração. Para este grupo, a estratégia da renovação da história e da sua divulgação, passava ainda pela utilização de linguagem mediática, alcançando tribuna em jornais e programas de rádio e de televisão, ou impondo-se na direcção das casas editoras de prestígio. A *Nova História* precisava de ser, como disse um deles, ‘*vendida como qualquer marca de sabão em pó*’, até poder impor-se nos meios universitários, ser aceite junto do poder político e ganhar a simpatia do público culto, garantindo o estatuto científico e adquirindo autoridade e lucro!<sup>2</sup>

\*

Quem era, afinal, Jacques Louis Le Goff [1924-2014]? Que mais sabemos da sua obra? Que importância teve o historiador e o homem que morreu com a prolecta idade de 90 anos, e de quem, hoje fazemos evocação?

“*Em cada época, os Franceses gostam de ter um grande historiador que todo o mundo lhes inveja, tal como os alemães têm sempre um grande filósofo. Depois de Fernand Braudel [...], foi Jacques Le Goff a ocupar esse lugar!*” (BURGUIÈRE 2010) - escrevia, em tom grandiloquente, num semanário parisiense de alta divulgação, em Agosto de 2010, um seu colega, quando entrado no 86.º ano de idade, o voraz apetite de escrever história e de falar da história, ainda não esmorecera no “*Ogre historiador*”, “*Clerc moderne*”, como também lhe chamavam! Até morrer, daria mais entrevistas e acrescentaria mais quatro, aos quarenta e dois livros já escritos sobre história medieval.

Em que consistia o seu projecto de ‘antropologia histórica’, que o fazia deslocar da história económica e social, para os domínios do imaginário, em busca da ‘história total’<sup>3</sup>, e falar de uma ‘revolução documental’, a que, em seu entender, se estava a assistir? (CARRARD 1998, p. 147). Que pensava da Europa, ao interrogar-se em que época terá nascido, e ao preocupar-se em organizar pequenos manuais de história europeia para crianças e jovens, a par de uma colecção – ‘Construir a Europa’ – de críticos estudos, para adultos, simultaneamente editada em cinco línguas europeias? Porquê uma tão grande insistência no problema do ‘tempo histórico’ – tempo social, mas também litúrgico, académico, da consciência ... –, derradeira obsessão que deu título ao último dos seus livros, editado, três meses antes de morrer? Que pretendia com a teoria de “*Uma longa Idade Média do século III ou IV até ao XVIII*”? Que trouxe, enfim, Jacques Le Goff, de

novo, à forma de pensar e escrever a história, na historiografia medieval contemporânea? (REVEL, 1978, p. 15).

Tantas perguntas, tantos problemas a que seria necessário responder, não fosse o tempo concedido a esta evocação, imensamente mais curto, que o longo tempo legofiano medieval! Por esta razão, limitar-me-ei a dois tópicos: *no primeiro*, evocarei sumariamente o essencial da sua herança no trabalho de historiador; *no segundo*, aludirei, em breves *flashes*, a alguns traços da sua vida pessoal que, quando desenvolvidos, ajudarão a iluminar melhor o seu legado.

### ***I. Le Goff historiador, herança cultural, audiência em Portugal:***

De raízes bretãs e norte italianas, Jacques Le Goff nasceu em Toulon, na Provença, em 1924. Começou a sua carreira universitária em Lille e foi no exame de “*Agrégation*” para o ensino que conheceu Fernand Braudel, que haveria de o convidar para a *École Pratique*, em Paris, onde ficaria a ensinar até 1992, continuando até à morte os seus trabalhos de investigador, historiador, prefaciador e conferencista. As obras dos cerca de sessenta anos da sua abundante e variada produção historiográfica, mostram uma evolução temática de assuntos recorrentes e podem distribuir-se por quatro longas etapas:

1. - Obras de juventude, ruptura e audácia: 1956-1974, como *Mercadores e Banqueiros na Idade Média*, *Os Intelectuais na Idade Média* ou *A Civilização do Ocidente Medieval*.

2. - O período militante da ‘Nova História’: 1974-1992 com *Fazer história*; *Para uma Outra Idade Média*, *A Nova História*, *O Nascimento do Purgatório* ou *O Imaginário Medieval*.

3. – Obras do apogeu da maturidade: 1992-2004, como *História e Memória*, *S. Luís* ou, *S. Francisco de Assis*.

4. – Obras do Outono da vida: 2004-2014, como *Uma longa Idade Média*, *Avec Hanka*, *Fau-t-il vraiment découper l’Histoire en tranches?*

Sintetizemos, em breves tópicos, os principais contributos deste legado:

1º- À maneira dos *‘Annales’*, Le Goff concebe a história numa visão dinâmica, com o repensar do *‘acontecimento’* e das *‘crises’*, em função de movimentos longos e profundos, onde não há épocas obscuras. Interessa-se menos com os indivíduos de primeiro plano e mais com os homens, os grupos sociais e as coisas da vida quotidiana. Entende a *‘história como problema’* e deseja-a sempre *‘história total’*, do homem todo e de todos os homens. Amplia, por isso, o conceito de *‘documento histórico’*, exigindo novos métodos de crítica e tratamento, que dele permitam extrair sempre novas informações. Na complexa e confusa realidade compete ao historiador a escolha e construção científica do *‘facto histórico’*, a partir do questionário da sua investigação, pois, como referia Lucien Febvre, *‘quando não sabemos o que procuramos também não sabemos o que encontramos’!* Sem minimizar a importância dos aspectos económicos e sociais, vê no *‘imaginário’* aquilo que, verdadeiramente, permite apreender a totalidade de uma época: como num corpo, *‘o económico e social são o esqueleto mas, o imaginário é a carne’*. O imaginário, que não se identifica com o simbólico nem com o ideológico mas os inclui, é mais que representação intelectual. Tem as suas fontes privilegiadas na religião, nas obras literárias e artísticas cuja exploração eficaz foge muitas vezes à competência do historiador que, por isso, precisa de recorrer à interdisciplinaridade. Tem ainda como fonte privilegiada a imagem, a iconografia e a iconologia, de que Émile Mâle (1862-1954) e Erwin Panofsky (1892-1968) estudaram tipologias de temas e fizeram análises de semiologia.

“Aquilo que, acima de tudo, impeliu os cristãos do Ocidente à Cruzada, foi a imagem de Jerusalém. A história do imaginário é o aprofundamento dessa história da consciência cujo despertar na Idade Média o padre Chenu analisou de um modo tão esclarecedor. O imaginário alimenta o homem e fá-lo agir. É um fenómeno colectivo, social e histórico. Uma história sem o imaginário é uma história mutilada e descarnada. (...) Estudar o imaginário de uma sociedade é ir ao fundo da sua consciência e da sua evolução histórica. É ir à origem e à natureza profunda do homem, criado “à imagem de Deus”. (LE GOFF 1994, p. 16-17).

2º- Le Goff reconhece que a sua visão da história foi, em parte, influenciada pelo marxismo, pois, como dizia, *‘Marx é um dos pais inspiradores da Nova História’*. Mas refuta, como inaceitável, a visão mecanicista dos factores económicos como determinantes ou infraestruturais. Foi efêmero o encanto com ‘a maior cientificidade da história quantitativa’ que pouco praticou. O seu conceito de ‘estrutura’ é antropológico e leva-o, seguindo a teoria braudeliana da ‘longa duração’, ao debate da diversidade do tempo histórico e das periodizações: *‘A periodização é um campo maior de investigação e de reflexão para os historiadores contemporâneos. Graças a ela se esclarece a maneira pela qual se organiza e evolui a humanidade na duração, no tempo’*<sup>4</sup>! Sedu-lo o conceito de ‘antropologia histórica’ que propõe ao historiador uma nova documentação diferente da tradicional e muito para além do documento escrito. É esse conceito que impulsiona o ‘método comparativo’ e o ‘método regressivo’, além do abandono do ponto de vista europocêntrico, a caminho da história verdadeiramente total, mundial. Esvaziador do acontecimento individual, o conceito de ‘antropologia histórica’ é mais atento às repetições e ritos do quotidiano, das festas do calendário, a uma mais fina distinção das cronologias, à valorização da cultura material e mental, aos aspectos mágicos e carismas profissionais de reis taumaturgos ou dos santos milagreiros dos textos hagiográficos, assim *‘arrancados ao puro positivismo bolandista’* (LE GOFF, 1994, p. 14).

3º- Presta particular atenção à religiosidade da Idade Média recorrente praticamente em todas as suas obras; mas, textos como *O Nascimento do Purgatório* (1981), *S. Francisco de Assis* (1999), *O Deus da Idade Média* (2003), mostram excepcional sensibilidade aos conceitos e valores, o que faz dele um verdadeiro ‘novo-historiador’ do Cristianismo medieval. *‘Medievalista, sinto-me fascinado pela história do baptismo, (...) do casamento (...) e da morte, como dos rituais de sagração e coroação dos reis’* (LE GOFF, 1987, p. 186). No entanto, ele mesmo faz notar que, sendo pessoalmente agnóstico, o seu estudo se faz sempre numa visão laica, de análise não religiosa da religião, de pura investigação científica, pois, a seu ver, *‘não é preciso ser crente fervoroso, para amar a Igreja e valorizar o seu papel ideológico e estruturante na sociedade medieval’*. Sem ser crente ... *‘amar a Igreja’* ? - é uma expressão que só pode ser entendida na hermenêutica agustiniana de que Henri Marrou tão bem falara: *“nisi per amicitiam nemo cognoscitur”*!

A fé que lhe faltava ter-lhe-ia, porventura, permitido o acesso a outros níveis de compreensão, amor e fascínio.

4º- Tema de predileção foi a história da Europa e das suas origens. Europeu convicto, regozijando-se com a atribuição do ‘Prémio Nobel da Paz 2012’ à União Europeia, Jacques Le Goff questionou-se, longamente sobre a formação da Europa e do seu nascimento na Idade Média, a que respondia: - ‘*Sim! A Europa nasceu na IM. E isso é uma boa notícia,*’ defendendo que os fundamentos actuais da cultura europeia, indubitavelmente, são herança do mundo medieval. Da fusão e mestiçagem da cultura clássica com os Bárbaros e o Cristianismo se originaram os principais elementos característicos da Europa, como o nascimento das nações e das várias línguas, que tornaram o continente um espaço forte pelos seus valores, a sua energia e a sua riqueza cultural: na Europa, por exemplo, nasceram as Universidades - centros superiores de produção e transmissão de conhecimento<sup>5</sup> - e nasceu a Democracia, cujos mecanismos vinham sendo ensaiados desde a ‘*ágorá*’ grega, ao ‘*forum*’ romano mas, foram afinados no *mosteiro* medieval. Certamente que o seu entusiasmo europeísta se alongava, num *élan* de esperança, para além da crise depressiva que a União atravessa e o contagiava: ‘*Tenho 86 anos, e o que marca o meu espírito é a desesperança, porque não vejo perspectivas de melhoras [da Europa] enquanto for vivo*’!

5º- Para Le Goff, a história é também memória! Aos historiadores cabe o dever de torná-la o mais objectiva e verdadeira possível. E recomenda: ‘*Não propor aos jovens o conhecimento da história que destaque os períodos essenciais do passado distante, significa fazer deles órfãos do passado e privá-los de meios para pensar correctamente o nosso mundo e poder bem agir nele*’! A meu ver, nestas palavras se encerra o essencial da sua herança cultural. Também elas são, ainda, eco das de Marc Bloch: ‘*A ignorância do passado não se limita a prejudicar o conhecimento do presente; compromete, no presente, a própria acção*’ (BLOCH *apud* LE GOFF 1993, p. 24) – exortação muito pertinente, acrescenta Le Goff, a que, teimosamente, continuam a fazer ‘ouvidos de mercador’ os que hoje pretendem guiar a sociedade!

Historiador entre os historiadores da ‘*Nova História*’, Jacques Le Goff distinguiu-se, no entanto, por traços de originalidade própria: defensor da história dinâmica, do vaivém contínuo do passado para o presente e deste para o passado, e da ‘*história total*’, acentuava



sempre que partia das intuições de Marc Bloch. Distinguia-o o gosto do risco, da ousadia, do não conformismo intelectual, dos conceitos dissonantes, da polémica e até da provocação, no título dos livros, no colocar de novas hipóteses de trabalho e no avançar de novas interpretações. Batendo-se contra a história ‘*événementielle*’, soube, porém, voltar ao ‘acontecimento’, encarado como ‘revelador da história profunda’, e ao ‘individual’, que descobriu ter nascido no século XII, com a emergência da consciência e do seu exame, ligado à busca da intenção dos actos em matéria moral, como diz ter-lhe ensinado o teólogo dominicano padre Chenu. Possuidor de erudição e frescura de espírito, marcava os seminários pela pesquisa de estudos decisivos, em equipa e em debate. Adversário irreduzível da intromissão da psicanálise na história foi-o, igualmente, da filosofia da história, mostrando visceral relutância contra teorizações abstractas. Tal posição não o impediria de coordenar as principais obras directoras da epistemologia da escola a que pertencia.<sup>6</sup>. Seguidor de mestres como Lucien Febvre, Fernand Braudel, M.-D. Chenu e sobretudo Marc Bloch, mostrou-lhes a sua fidelidade, na crítica construtiva, discordando muitas vezes dos mesmos, pois, tal como este último escrevera em relação aos seus velhos mestres positivistas: ‘*Continuarei fiel às suas lições criticando-as onde, com toda a liberdade eu achar útil, tal como desejo que, por sua vez, um dia, os meus alunos me venham a criticar a mim*’ (BLOCH, 1993 p. 19).

A metáfora do ‘ogre historiador’ com que os seus amigos intitularam os estudos de homenagem, que em 1998 lhe dedicaram, epíteto que ele várias vezes citava de Marc Bloch como característica do bom historiador, em tudo farejando carne humana para daí fazer matéria sua, sintetiza bem a herança cultural que dele nos fica, pois, como disse, em “a dívida dos medievalistas”, o polaco Bronislaw Geremek, “*raros são, como Le Goff, os historiadores que podem dizer que, sem a sua obra, a imagem da época que eles estudaram seria diferente*”<sup>7</sup>.

Certamente, foi pela sua originalidade, aguda capacidade de análise e excelência das suas sínteses que, em 2004, o júri do prémio ‘Heineken de História’, atribuído pela Academia Real das Ciências dos Países Baixos, justificava esta a distinção: “*Jacques Le Goff mudou, para sempre, a nossa percepção da Idade Média!*” (GEREMEK 1998, p. 115).



### **Foi então Le Goff o historiador perfeito e a sua evocação deve traduzir-se numa ‘*laudatio hagiographica*’?**

Longe disso! A par de tantas qualidades, não deixou de mostrar limitações e preconceitos, alguns herdados da escola, outros ligados à sua forma de agir. Personalidade forte, com pouco jeito para o exercício de funções administrativas académicas, marcou-o certo triunfalismo de conquistador, algo maniqueísta, que mal admitia os seus adversários, quase sempre considerados produtores da ‘má história’ e a ignorar. Assim aconteceu com Henri Marrou [1904-1977] cuja obra, recuperada por alguns dos seus pares, ele remeteu a um discreto silêncio, e sempre classificou de meramente ‘*literária e filosófica*’. Igual tratamento depreciativo foi dado a Jacques Heers [1924-2013] com quem teve profundas discordâncias em aspectos de história económica, como as origens medievais do capitalismo, que Le Goff, taxativamente, negava.<sup>8</sup> Precipitados pelo preconceito, Le Goff e os ‘*Analistas*’ fizeram má avaliação da ‘escola metódica’ ou ‘escola do método histórico’, de raiz alemã, a que em França chamavam, com desdém, o ‘positivismo histórico’, embora reconhecendo, tardiamente, que algumas das suas aporções eram aquisições importantes que continuavam válidas<sup>9</sup>. Nunca foi convincente que à hermenêutica pudesse substituir-se a quantificação, como critério de maior cientificidade nas ciências humanas. Nestas, os paradigmas nem sempre se sucedem linearmente, de modo ordenado e sem deixar rastros. O outro preconceito seu, contra a ‘filosofia da história’, privou-o de uma componente auto-reflexiva que os ‘novos historiadores’ tiveram que procurar em autores como Michel Foucault, nunca porém conseguindo arregimentar entre os seus aquele, ‘in enquadrável’ e nunca alinhado que, sem receio de obscurantismo, provocatoriamente, a si mesmo se definia como “*um positivista feliz!*”.

### **A Perenidade da Obra de Jacques Le Goff**

Le Goff mostrou-nos a ‘necessidade da história’. Ela é ‘ciência humana’, também neste sentido: todo o homem precisa de história! Seria ‘mutilação’ privá-lo dela, pois todo o ser humano, racional e consciente, tem fome de história, é ogre esfaimado em saber de onde vem, quem é e para onde vai! O historiador é, por isso, um ‘comilão de homens’ e

dá-os a comer aos outros! A história é como pão para a boca, porque é uma forma de luta contra a morte. Toda a obra de Le Goff é uma renovada “*apologie pour l’histoire*” à pergunta, genuína em mentes infantis, calculista em espíritos utilitários: - ‘*pai, para que serve a história?*’

Pioneiro em muitos campos de investigação, Jacques Le Goff deixou-nos da Idade Média uma ampla visão pessoal, bem fundamentada, de estilo límpido e poderoso, em frescos que oferecem uma imagem rica e contrastada da Cristandade Ocidental. Ao princípio, as suas sínteses antropológicas foram olhadas com alguma frieza nos meios universitários fora da sua escola, pela audácia das suas interpretações; progressivamente, pela sólida documentação aduzida, pelo argumento audaz mas sem falha, pela frescura dos seus textos, pela novidade que seduzia e também pela dinâmica da sua publicitação, foi-se criando um gosto novo nos meios escolares cultos e entre os leitores do mundo inteiro pela ‘nova história medieval’ que outros historiadores, seus colegas,<sup>10</sup> como ele difundiam, faziam amar e, por algum tempo, tornaram *moda*, não apenas no seu país. Muitos estudantes e leitores, mesmo sem o conhecer pessoalmente, vieram assim a tornar-se seus seguidores e discípulos, ‘imitando’ nos seus meios, os mesmos métodos e prosseguindo os mesmos objectivos, desde a Itália ao México, do Brasil ao Japão, da Islândia a Portugal.

### **Importância das Obras de Le Goff em Portugal**

Sobre a audiência encontrada pela obra historiográfica de Jacques Le Goff em Portugal, país que ele visitou e admirava, direi apenas, por falta de tempo, que o seu nome é hoje familiar a qualquer estudante de história, antropologia ou sociologia do ensino secundário e superior. Mas, se a ‘*escola dos Annales*’ vinha sendo, lentamente, conhecida em Portugal desde há muito, (desde os anos trinta Manuel Heleno lia e colecionava a revista de Estrasburgo, na Faculdade de Letras de Lisboa onde era docente) o nome de Jacques Le Goff só se tornou, verdadeiramente, visível e com voz activa na cultura portuguesa escrita, em 1973, com a tradução do seu livro, *Os Intelectuais na Idade Média*, aparecido em Paris dezasseis anos antes!<sup>11</sup> Hoje, porém, grande parte da sua obra está traduzida, entre nós; as ideias da ‘*Nova História*’ tornaram-se património comum do

ensino universitário, e estão bem patentes nos programas escolares e nas numerosas teses de Mestrado e Doutorado, que nas nossas Universidades têm sido levadas a cabo. As suas ideias sobre a Idade Média passaram a ser ‘*vulgata*’ das nossas aulas e seminários, a ponto de alguns de nós terem sido, mesmo, acusados de excessivamente ‘*legoffianos*’! Certamente, um balanço mais seguro e profundo está por fazer; não basta quantificar obras traduzidas e vendidas ou o número de teses feitas!

Mas, se o seu modelo analítico seduziu a nossa historiografia, importa sublinhar pontos de discordância. Diluída a narrativa da história, o longo tempo da Idade Média ‘*legoffiana*’ engole e aniquila essenciais feitos e acontecimentos - no seu dizer, ‘*reveladores da história mais profunda*’ -, como por exemplo, o ‘*século dos Portugueses*’. Bartolomeu Dias ou Vasco da Gama não podem ser ignorados como figuras que estabeleceram o importante marco miliário da mundialização na abertura de ‘*novos mundos ao mundo*’, de forma continuada e sistemática e, sem esperar pela ‘*conquista da Índia pela Grã Bretanha em 1756*’ (LE GOFF 2014, p. 185), tornaram reais e em contacto de trocas os antes oníricos espaços dos oceanos Índico e Pacífico.

Vista de Portugal, a história ‘*legoffiana*’ tem acento francês, a sua ‘*Nova História*’ traz a marca do excesso de antropologia cultural expressa e insinuada, afogando-a numa perspectiva de fusão, a ponto de o próprio Lévy-Straus lhe ter feito sentir: ‘*Assim, tenho a impressão de que fazemos o mesmo*’! Subalterniza o europocentrismo que, se no nosso tempo, foi ultrapassado, não pode deixar marcas de culpabilidade e fundamentar critérios historiográficos ideológicos.

‘*Ciência dos homens no tempo*’ é importante que a história reafirme sempre os três notas primeiras da sua original identidade de saber: o desejo de arrancar as acções humanas, boas ou más, ao esquecimento; o interesse de comparar culturas e civilizações em contacto; a vontade de dar sentido à maneira como as acções dos homens foram vividas, com a ideia implícita de que tal análise pode ser útil às gerações do futuro.

## **II. *Que poderíamos dizer do homem Le Goff?***

Para falar do homem, privado ou público (mas não do político), na impossibilidade do acesso ao seu arquivo pessoal, à imensa correspondência e ao contacto com aqueles que mais de perto com ele conviveram, pude utilizar, além de duas pequenas autobiografias, *Ensaio de Ego-história* (1997) e *Avec Hanka* (2008), algumas confidências do seu último secretário e uma carta da sua governanta portuguesa por mais de vinte e cinco anos (GROS 2014). Apenas tenho dúvidas em escolher entre o muito a dizer. De que deverei falar?

Do jovem estudante de Toulon-Marselha-Paris, relapso e absentista das aulas, crítico feroz da Sorbonne e da sua ‘história erudita mas estéril’, quando aí se matriculou? Ou do obstinado leitor de bibliotecas e sedento de investigação, mas que nunca fez tese de doutoramento?

Do perplexo e agitado Jacques, de ‘Maio de 68’, já na direcção da VIª Secção que, sentindo-se no furacão da história, hesitava e ansiava na revolta estudantil, que agitou a capital francesa e encheu de receio autoridades académicas e políticas?

- Do ‘irado’ Jacques que, de Braudel seu protector, rompendo a fidelidade, disse que ‘o homem não estava à altura do historiador’ - ‘frase iconoclasta e sacrílega’ no dizer do seu amigo Pierre Nora - porque o preterira na eleição para o Collège de France?

- Falaria do agnóstico Jacques, herdeiro da tradição anticlerical paterna, bretã e republicana, que detestava a teologia, mas na catedral de Nôtre Dame de Paris quis ler, em nome dos medievalistas da sua escola, um comovente elogio fúnebre nas exéquias do teólogo dominicano, padre Marie-Dominique Chenu<sup>12</sup>, a quem publicamente agradeceu ter mostrado como a teologia só se entendia situada no coração da ‘história total’ e era muito importante para bem conhecer a Idade Média?

- Do historiador que gostava da noite para trabalhar, por ela se deixando envolver na beleza do seu silêncio e na aura do seu mistério, para maior concentração; mas também do papá que, aliviando a esposa que dormia, pacientemente, acorria ao choro das crianças a dar o *biberon* nocturno ou mudar a fralda dos seus bebés?

- Falaria do professor Le Goff que conservava boas recordações de Lisboa e do Algarve, que visitou com mulher e filhos, em meados dos anos 90 do século passado? Daquele casal de quem Ortelinda Gonçalves, sua governanta portuguesa em Paris ao longo de um quarto de século, guarda gratas recordações e muitas histórias para contar?

- Falaria de ‘*Il povero professore francese*’, duas vezes assaltado em Bari no mesmo dia (!), quando estabelecia contratos editoriais, e que ameaçou cancelá-los, perante a passividade da polícia que apenas o consolou com a informação de que ‘muitos convidados ilustres eram, frequentemente, assaltados naquela cidade italiana’!<sup>13</sup>

- Do intelectual escolar de extrema delicadeza e cortesia no trato, que em 1992, agastado e desiludido, se reformou antecipadamente como director de estudos na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* de que fora fundador e primeiro presidente? Daquele que, avesso a honras académicas, na Europa era membro de 10 sociedades científicas (nacionais e estrangeiras), seis vezes premiado, uma condecorado e 11 agraciado com o doutoramento *honoris causa*?

- Falaríamos, enfim, do colosso físico, ogre de história mas também de boa comida e de bons vinhos<sup>14</sup>, sempre generoso, encantador no trato, jovial e humilde, ‘*grande contador de histórias e finíssimo homem de letras com quem dava gosto conversar*’, como recorda o seu amigo Umberto Eco? (ECO 2014). Do colosso envelhecido e inválido, desde que, em 2003, dera uma pesada queda na sua casa da Bretanha que o deixou, nos últimos dez anos em cadeira de rodas até à morte?

- Falaria ainda do pai de Bárbara e de Tomás, do marido terno de Hanka, a jovem médica polaca, que de Varsóvia ele trouxera para Paris, e cuja morte inesperada, em 2004, o deixou em profunda depressão e tristeza, levando-o à escrita do seu mais emocionante testemunho biográfico e autobiográfico sobre quarenta e dois anos de vida em comum, *Avec Hanka*?<sup>15</sup> Este testemunho inesperado da dimensão afectiva da sua personalidade não prova ainda, - ao contrário do que ele inicialmente pensava - como os acontecimentos da vida quotidiana e individual - a biografia - e a grande história, não se opõem: são compatíveis e mesmo indispensáveis uns aos outros, para o conhecimento do homem, da sociedade e da história total?

Para terminar, e lembrando estes últimos e penosos anos, permita-se-me que conclua com uma breve e emotiva citação do texto, que um dos mais próximos amigos escreveu por ocasião do seu passamento, em 1 de Abril de 2014:

“*Tinha a voz lenta, nitidamente articulada, à qual nunca faltava nem a palavra justa nem a perfeita sintaxe. Distinguia-o esse orgulho modesto que é a marca dos grandes espíritos, conscientes do seu valor, mas a quem a arrogância é estranha. A sua ordem interior, onde reinava a proibidade,*

*era a antítese da incrível desordem do seu gabinete de trabalho, naquele apartamento de que já há muito não saía, e onde os seus amigos, doravante já não poderão visitá-lo, mas que nenhum deles poderá esquecer. Felizes aqueles que tiveram a sorte de conhecer Jacques Le Goff!” (THEIS 2014).*

E nós, para quem a sua obra é um prémio, conscientes do valor de tão gigantesca herança, e do sentido cumulativo da cultura, talvez possamos acrescentar: ‘Igualmente felizes, aqueles que fazem dele memória e história!’ Pois, como dizia Bernardo de Chartres, um desses intelectuais do século XII, que ele muitas vezes gostava de citar, “somos anões aos ombros de gigantes. Assim podemos ver mais longe, não porque a nossa vista seja mais aguda, mas porque apoiados na sua gigantesca estatura”<sup>16</sup>!

#### JACQUES LE GOFF (1924-2014)

##### Obras principais

Ano	Título da obra	Editora
1956	<i>Marchands et banquiers au Moyen Age</i>	PUF <i>qsj</i> n. 699
1957	<i>Les intellectuels au Moyen Age</i>	Seuil
1964	<i>La civilisation de l'Occident médiéval</i>	Arthaud
1972	‘Le Christianisme médiéval’ in <i>Histoire des religions</i> II	Gallimard
1974	<i>L'Italia nello specchio del Medioevo</i>	Einaudi
1974	<i>Faire de l'histoire, 3 v</i> (co-dir)	Gallimard
1977	<i>Pour un autre Moyen age</i>	Gallimard
1978	<i>La Nouvelle Histoire</i> (dir e col)	Retz
1980	<i>La ville médiévale: des carol. à la Renaissance</i> (dir)	Seuil
1981	<i>La naissance du Purgatoire</i>	Gallimard
1982	<i>A la recherche du Moyen Age</i>	Seuil
1882	<i>Histoire et mémoire</i> (orig. Ital.)	Gallimard
1982	<i>Intervista sulla storia</i>	Laterza
1982	<i>L'“Exemplum”</i> (co-aut)	Brépols
1982	<i>L'apogée de la chrétienté, le XIII<sup>e</sup> siècle</i>	Bordas
1983	<i>Il Meraviglioso e il quotidiano nell'occidente medievale</i>	Laterza
1985	<i>L'Imaginaire medieval. Essais</i>	Gallimard
1986	<i>La bourse et la vie</i>	Hachette
1987	<i>Essais d'Ego-Historia</i>	Gallimard
1988	<i>Histoire de la France religieuse, 4 v</i> (co-dir, pref., introd.)	Seuil
1989	<i>L'Homme medieval</i> (co-dir)	Seuil
1991	<i>Le Moyen Age aujourd'hui</i> (co-dir)	Le Léopard d'or
1994	<i>La vieille Europe et la nôtre</i>	Seuil
1996	<i>L'Europe racontée aux jeunes</i>	Seuil
1996	<i>Une vie pour l'histoire</i>	La Découverte
1996	<i>Saint-Louis</i>	Gallimard
1997	<i>Pour amour des villes</i>	Textuel
1999	<i>Dictionnaire raisonné de l'Occident Médiéval</i>	Fayard



1999	<i>Un autre Moyen Age</i>	Gallimard-Quarto
1999	<i>Saint-François d'Assise</i>	Gallimard
2000	<i>Un Moyen Age en images</i>	Hazan
2001	<i>Le Sacre royal à l'époque de saint Louis</i>	Gallimard
2003	<i>Le Dieu du Moyen Age</i>	Bayard
2003	<i>L'Europe est-elle née au Moyen Age?</i>	Seuil
2003	<i>Une histoire du corps au Moyen Age</i>	L. Levi
2004	<i>Héros du Moyen Age: le saint et le roi</i>	Gallimard-Quarto
2004	<i>Un long Moyen Age</i>	Tallandier
2005	<i>Héros &amp; merveilles du Moyen Age</i>	Seuil
2006	<i>Le Moyen Age expliqué aux enfants</i>	Seuil
2007	<i>L'Europe expliqué aux jeunes</i>	Seuil
2011	<i>Le Moyen Age et l'argent</i>	Perrin
2011	<i>A la recherche du temps sacré</i>	Perrin
2012	<i>Hommes et femmes du Moyen Age (dir)</i>	Flammarion
2014	<i>Faut-il vraiment découper l'histoire en tranches?</i>	Seuil
2014	<i>Dialogue sur l'histoire (c. J.-P. Vernant)</i>	Bayard
2008	<i>Avec Hanka</i>	Gallimard
1998	<i>AA. VV., L'Ogre historien, autour de Jacques Le Goff</i>	Gallimard

### Alguns prefácios

Ano	Título da obra	Editora
1968	<i>Hérésies et sociétés dans l'Europe pré-industrielle</i>	Mouton & Co.
1980	<i>Le féodalisme um horizon théorique, A. Guerreau</i>	Le Sycomore
1984	<i>L'Aventure chevaleresque, Eric Kohler</i>	Gallimard
1984	<i>La Légende dorée, le système narratif, A. Boureau</i>	Cerf
1987	<i>Les Rois thaumaturges, Marc Bloch</i>	Gallimard
1990	<i>L'Étique protestante et l'e. du capitalism, M. Weber</i>	France loisirs
1990	<i>La Liturgie dans l'histoire, Pierre-Marie Gy</i>	Cerf
1991	<i>Les péchés de la langue, C. Casagrande, S. Vecchio</i>	Cerf
1992	<i>Gervais de Tilbury, Le livre des merveilles, A. Duchesne</i>	Les Belles Lettres
1993	<i>Les justices de l'au-delà, J. Baschet</i>	École Fr. De Rome
1993	<i>L'Europe et la mer, M. Mollat du Jourdain</i>	Seuil
1993	<i>Apologie pour l'histoire, Marc Bloch</i>	A. Colin
1994	<i>La Recherche de la langue parfaite, U. Eco</i>	Seuil
1994	<i>La Ville et la Cour, Daniela Romagnoli</i>	Fayard
1995	<i>L'Europe en procès, J. Fontana</i>	Seuil
1995	<i>L'Histoire et le métier d'historien, F. Bedarida (dir)</i>	Ma. Sc. homme
1996	<i>La grâce du don, B. Clavero Salvador</i>	A. Michel
1997	<i>S. François d'Assise: vie d'un homme, Chiara Frugoni</i>	Noësis
1997	<i>La Mémoire des ancêtres, M. Lauwers</i>	Beauchesne
1997	<i>Études offertes à Robert Delort</i>	Publ. Sorbonne

1997	<i>Marc Bloch une biographie impossible</i> , E. Bloch	C. et Patrimoine
1998	<i>Le village medieval, etudes offertes a J. M. Pesez</i>	Publ. Sorbonne
1998	<i>Dictionnaire historique des o. religieux</i> , A. Gerhards	Fayard
2001	<i>Histoire de l'environnement europeen</i> , R. Delort	PUF
2011	<i>L'ambiguité du Livre: prince, pouvoir, peuple</i> , Ph. Buc	A.Michel

**OBRAS DE JACQUES LE GOFF TRADUZIDAS PARA PORTUGUÊS [EM PORTUGAL]**

OBRA	EDITORA	ANO DE EDIÇÃO	EDIÇÃO ORIGINAL	DIFERENÇA/ANOS
Os Intelectuais na IM	Estúdios Cor	1973	1957	16
Fazer história	Bertrand	1977;1981; 1987	1974	3; 7; 13
Para um novo conceito de IM	Estampa	1980	1977	3
Mercadores e Banqueiros	Gradiva	1982	1956	26
A Nova História	Edições 70	1983	1977	6
A Civilização do Ocidente Medieval	Estampa	1983-1984	1964	19
Memória-História	INCM	1984	1982	2
O Maravilhoso e o Quotidiano	Edições 70	1985	1983	2
A Bolsa e a vida	Teorema	1987	1986	1
Ensaio de Ego-história	Edições 70	1989	1987	2
O Homem Medieval	Presença	1989	1989	0
O Imaginário Medieval	Estampa	1994	1985	9
Viva o Ano Mil	Teorema	2000	1999	1
Em busca da IM	Teorema	2004	1982	22
Uma história do corpo	Teorema	2005	2003	2
Por Amor das cidades	Teorema	2007	1997	10
Reflexões sobre a história	Edições 70	s/d	1982	-

## REFERÊNCIAS

- BURGUIÈRE, André. ‘Jacques Le Goff clerc moderne’, in **Le Nouvel Observateur**, 5 de Agosto de 2010. (Republicado em 01/04/2014). Disponível em: <http://bibliobs.nouvelobs.com/actualites/20140401.OBS2133/jacques-le-goff-l-eclairateur-du-moyen-age-est-mort.html> ; Acesso em: 10/07/2016
- TOYNBEE, Arnold. **Um Estudo de História**, 12 v. **A Study of History**, UK, 1934-1961. Edição portuguesa abreviada, **Um Estudo de História**. São Paulo: Martins Fontes, 1987, 2 v.
- GROS, Aurélien. ‘Dans le bureau de Jacques Le Goff’, Junho 2014, **La Lettre**, n° 73. Disponível em : <http://lettre.ehess.fr/7730> ; acesso em 05/07/2016.
- JEAUNEAU, Édouard. “Nains et Géants”, in **Entretiens sur la Renaissance du 12<sup>e</sup> siècle**, sous la direction de Maurice de Gandillac et Édouard Jeuneau, Paris, Mouton, La Haye, 1968, pp. 21-52.
- MÂLE, Émile. **L’Art Religieux du XIII<sup>e</sup> siècle en France. Étude sur l’iconographie du Moyen Age et sur ses sources d’inspiration**. Paris, A. Colin, 1968 (1.<sup>a</sup>, 1948)
- PANOFSKY, Erwin. **Arquitetura Gótica e Escolástica**. São Paulo: Martins Fontes, 1991 (1<sup>a</sup> ed. alemã, 1951)
- BUSNEL, François. ‘Jacques Le Goff : La pensée médiévale est au même rang que la pensée grecque’ (entrevista de Jacques Le Goff, 01/05/2005). In: **L’express**, 01/04/2014.  
Disponível em: [http://www.lexpress.fr/culture/livre/jacques-le-goff\\_810099.html](http://www.lexpress.fr/culture/livre/jacques-le-goff_810099.html)  
Acesso em 15/07/2016 .
- LAPOGUE, Gilles. ‘O tapeceiro do passado, in **O Estado de S. Paulo**, 6 de Abril de 2014.  
Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,o-tapeceiro-do-passado,1149788>  
Acesso em 15/07/2016.
- FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. Lisboa: Editorial Presença, vol. I, 1977
- BLOCH, Marc. **Apologie pour l’histoire ou métier d’historien**. Paris: Armand Colin, 1993.
- LE GOFF, Jacques. **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- LE GOFF, Jacques. **Avec Hanka**. Paris: Gallimard, 2008.
- LE GOFF, Jacques. **Os Intelectuais na Idade Média**. Lisboa: Estúdios Cor, 1973.
- LE GOFF, Jacques. **Faut-il vraiment découper l’histoire en tranches?** Paris: Seuil, 2014, p. 185.
- LE GOFF, Jacques. **Ensaio de Ego-história**. Lisboa: Edições 70, 1987.
- LE GOFF, Jacques. “Le Père Chenu et la société medieval”, **Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques**, tome 81, N.º 3, Juillet, 1997, pp. 371-379.
- LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre Nora. **Faire de l’histoire**. Paris: Gallimard, 1974, 3v.

LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques (Dirs.). **La Nouvelle Histoire**. Paris: Retz, 1978.

JOLIVET, Jean. “M.-D. Chenu médiéviste et théologien”, in **Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques**, tome 81, N.º 3, Juillet, 1997, pp. 381-394.

REVEL, Jacques. in **L’Ogre historien**, Paris, Gallimard, 1998, pp. 33-54

THEIS, Laurent. Heureux ceux qui ont eu la chance de connaître Jacques Le Goff. **State fr.**, 02/04/2016. Disponível em:

<http://www.slate.fr/tribune/85467/jacques-le-goff>

Acesso em 15/07/2016

GENCHI, Michele., “Quella volta che scipparono Le Goff a Bari”, in **BookAvenue**, Reading room, 1 de Abril 2014. Disponível em :

<http://www.bookavenue.it/reading-room/item/1359-quella-volta-che-scipparono-le-goff-a-bari.html>

Acesso em 10/07/2016.

**Níveis de Cultura e Grupos Sociais. Actas do Colóquio da Escola Normal Superior de Paris**, coord. Louis Bergeron, trad. de A. Sousa Franco, Lisboa, Cosmos, 1974

CARRARD, Philippe. **Poétique de la Nouvelle Histoire le discours historique en France de Braudel à Chartier**. Lausanne: Éditions Payot Lausanne, 1998.

ECO, Umberto. ‘Quell’humanista curioso che amava le miniature più dei grandi eventi’, in **La Repubblica**, 02-04-2014.

---

<sup>1</sup> Lucien Febvre, *Combates pela história*, Lisboa, Editorial Presença, vol. I, 1977, especialmente ‘Frente ao vento. Manifesto dos novos “Annales”’, pp. 59-71 e ‘Sobre uma forma de história que não é a nossa. A história historicizante’, pp. 175-181.

<sup>2</sup> A grande apresentação televisiva da ‘Nouvelle Histoire’ foi feita no, então, famoso programa de Bernard Pivot, ‘Apostrophes’, de 2 de Fevereiro de 1979, no qual participavam também George Duby e E. Le Roy Ladurie, entre outros. Ao ter parte de leão na sessão, Le Goff, teve aí ocasião de mostrar como funcionava o *marketing* da *holding* que tinham organizado para divulgar e impor a sua história, afastando os concorrentes. Ironizando o *élan* e as benesses concedidas, comentava um professor holandês que eles cumpriam o *princípio de S. Mateus* (25,29): ‘Ao que já tem mais se dará e ao que não tem ainda lhe será tirado!’»

<sup>3</sup> ‘História total’ é conceito-chave dos ‘novos historiadores’. Não cabe nesta breve evocação explicar o seu significado mas é ela que, verdadeiramente, fundamenta o seu conceito de história, na linha dos pais-fundadores dos *Annales*. Ver *La Nouvelle Histoire*, sous la direction de Jacques Le Goff, Roger Chartier, Jacques Revel, Paris, Retz, 1978, p. 15 e *passim*.

<sup>4</sup> Esta é, com efeito, a última afirmação da sua derradeira obra. J. Le Goff, *Faut-il vraiment découper l’histoire en tranches?*, Paris, Seuil, 2014, p. 191.

<sup>5</sup> Sobre isto e a alta capacidade criativa da Idade Média esclareceu Le Goff em longa entrevista a François Busnel, por altura da saída de *Héros et merveilles du Moyen Age le saint et le roi*, Paris, Quarto Gallimard, em 2005: ‘*La pensée médiévale est au même rang que la pensée grecque*’. É nesta mesma entrevista que diz ter descoberto que a *laicidade* tinha nascido na Igreja medieval pois, fora ela a primeira a fazer a distinção entre o sagrado e o profano e a praticar (com avanços e recuos) o preceito evangélico: ‘*Dai a César o que é de César*’!

<sup>6</sup> Sobre o contributo da psicanálise Le Goff é desconfiado, ao comentar as obras de A. Dupront ou Michel de Certeau. Nitidamente os afasta dos ‘novos historiadores’ ao acrescentar: ‘*a quem os ‘Annales’ dos anos 70 abriram a sua tribuna*’, Préface a *Apologie*, *oc.*, 19.

<sup>7</sup> Registe-se que Geremek (1932-2008) era um polaco e amigo muito especial para Jacques Le Goff, como ele confia. Além disso, foi seu padrinho de casamento, na igreja de S. Martinho de Varsóvia, em 9 de Setembro de 1962.

<sup>8</sup> Os dois exemplos são apenas uma amostra. Poderíamos falar de historiadores estrangeiros, como o britânico Arnold Toynbee (1889-1975), autor do famoso *Um Estudo de História*, 12 volumes, contra o qual já Lucien Febvre se insurgira: “Duas filosofias oportunistas da história de Spengler a Toynbee, in *Combates pela história*, oc., II, pp. 7-42 (especialmente 17-142).

<sup>9</sup> J. Le Goff escreve: “Boa parte das conquistas técnicas do método positivista continua válida e se a NH alargou o campo do documento, o método que se utiliza na crítica continua a ser o que foi afinado no século XIX» (*La NH*). Philippe Carrard, *Poétique de la Nouvelle Histoire le discours historique de Braudel à Chartier*, Lausanne, Éditions Payot de Lausanne, 1998, p. 29. O mesmo reconhecimento acerca da história narrativa e da biografia: “um mal entendido dos Annales. O que se combatia era a história superficial e a biografia não era, de modo algum a antítese da história»! (*Ibid*)

<sup>10</sup> Lembre-se apenas, a título de exemplo, nem todos medievalistas, os nomes de George Duby, Emmanuel Le Roy Ladurie, Roger Chartier, François Furet, Paul Veyne ou Philippe Ariès.

<sup>11</sup> *Faire de l'histoire*, editada na Gallimard em três tomos, em 1974, viria a ser traduzida entre nós, também em três volumes, mas muito espaçadamente, nos anos de 1977, 1981 e 1987! Pela data das traduções vê-se que foi sobretudo nos anos 80 do séc. XX que a sua obra foi recebida na cultura portuguesa. As últimas obras de Le Goff, depois de 2007, ainda não têm versão portuguesa em Portugal, havendo já de quase todas, versão brasileira. De 1967, havia já um artigo em *Níveis de cultura e grupos sociais*, Lisboa, Cosmos.

<sup>12</sup> M.-D. Chenu, OP (1895 – 1990): nas exéquias em Notre Dame em 15 de Fevereiro, Jacques Le Goff leu um comovente elogio: “Vous m’avez appris que comme beaucoup d’historiens le souhaitaient sans être capables de le faire eux-mêmes, on peut éclairer l’évolution et l’action de la théologie et de la pensée religieuse dans l’histoire en les situant au coeur d’une histoire totale, où elles se relient sans être dépendantes à l’histoire économique, à l’histoire sociale, à l’histoire des idées, à l’histoire de l’Église dans toutes ses dimensions matérielles et spirituelles. La théologie, la philosophie, n’étaient plus une succession sans corps et sans chair de doctrines et de dogmes abstraits loin du commun des mortels, mais la vie même de la religion se pensant et vivant dans toute l’histoire» [...]. ‘Le Père Marie-Dominique Chenu médiéviste’, in *Sc. ph. th.*, 81 (1997), pp. 369. *Ibidem*, em nome do grupo de Antropologia histórica do Ocidente Medieval da EHESS, J. Le Goff, ‘Le père Chenu et la société médiévale’, pp. 371-379.

<sup>13</sup> ‘Quella volta che scipparono Le Goff a Bari’, in *BookAvenue, Reading room*, 01 Aprile 2014.

<sup>14</sup> Mesmo quando Le Goff apreciava as delícias da boa mesa estava sempre presente o seu ‘faro’ de historiador, como se observa num pitoresco episódio contado por Gilles Lapouge: ‘Compartilhar um jantar com esse grande amante da vida era uma festa. Lembro-me de um deles. Ao ser servido um queijo de cabra na sobremesa, Le Goff começou a comparar a crosta do queijo, de cor cinzenta, bronze, azulada e ferrugem, recoberta de pequenas borbulhas, ao grão da pintura dos quadros de Giotto e Fra Angélico. Dali, divagando como num sonho transportou-nos, como por um passe de mágica, da crosta do queijo de cabra para a cidadezinha de San Gimignano, depois para Florença e a dinastia dos Médicis, terminando com não sei que papa dos alvares da Renascença. Tudo isso, todo esse teatro, estava como que escondido no humilde queijo de cabra. Le Goff terminou a representação dando uma dentada decisiva no queijo que, de repente, se havia tornado algo de sublime aos nossos olhos’. In: *O Estado de S. Paulo*, 6 de Abril de 2014.

<sup>15</sup> Jacques Le Goff, *Avec Hanka*, Paris, Gallimard, 2008, 208 p. Editado quatro anos após a morte da esposa, estando o autor em profunda depressão e já com 84 anos, este texto concilia um testemunho pungente e emotivo de amor conjugal como um desejo objectivo de ‘história total’.

<sup>16</sup> A frase, atribuída a Bernardo de Chartres, escolar do século XII, é referida por João de Salisbúria seu discípulo. Le Goff cita-a em *Os Intelectuais na Idade Média*, Lisboa, Estúdios Cor, 1973, p. 20, dando-lhe este sentido. Cita-a, ainda, no seu último livro, *Faut-il vraiment découper l’histoire en tranches?*, oc., p. 117. Sobre outros entendimentos que têm sido atribuídos ao dito de Bernardo chartrense ver, Édouard Jeuneau, “Nains et Géants», in *Entretiens sur la Renaissance du 12<sup>e</sup> siècle*, sous la direction de Maurice de Gandillac et Édouard Jeuneau, Paris, Mouton, La Haye, 1968, pp. 21-52.